

com o *diário velho*, o *Diário de Pernambuco*, que seria de vanguarda impressa e tradicional dos conservadores e “emulava então, em tamanho, variedade de conteúdo e número de leitores, com os grandes cotidianos da capital do Império”, segundo Alfredo de Carvalho. O pesquisador da imprensa pernambucana, deslumbrado com o velho jornal, esclareceria ainda: “Com uma tiragem de quatro mil exemplares, já em 1856, era, sem metáfora, o órgão genuíno de todo o norte brasileiro, circulando profusamente, de Alagoas ao Amazonas, onde não ocorria uma contenda política nem uma controvérsia judiciária que se não viesse debater em suas colunas”⁽¹⁰⁰⁾. O *diário velho* seguia técnica secular de engodo, a do alarmismo, no que era acompanhado pelas outras folhas conservadoras. O *Lidador*, por exemplo, fazia eco aos seus gritos, destinados a atemorizar as camadas médias: “Todos temem, até mesmo os estrangeiros, pelas suas vidas, honras e fortunas, vendo o desenfreamento da plebe, a exacerbação de paixões funestas: a anarquia enfim erguendo o seu medonho colo põe em completo e universal alarme toda a cidade!” Esse brado apareceu na edição de 1º de outubro de 1845. Na de 14 de dezembro de 1847, como outro exemplo, o refrão continuava, agora em acusação à imprensa praieira: “Leiam-se esses jornais que ela publicou ainda recentemente, e neles se verá que só se ocupavam em excitar todas as baixas paixões do vulgacho contra os que, procurando os nossos lares, aqui se entregavam à indústria e obtinham alguma fortuna”. Já em abril de 1849, Maciel Monteiro deblaterava, na Assembléia Provincial, e o *Diário de Pernambuco* lhe divulgava a diatribe, em sua edição de 1º de maio, acusando ainda os praieiros “. . . pregou-se o comunismo, a lei agrária; fez-se acreditar que os bens de certa classe de proprietários deviam ser repartidos pelo povo”. Nabuco de Araújo, em opúsculo de 1847, formularia a acusação que repetiu quando, em acinte à justiça, foi o juiz dos rebelados: “A *Praia* abriu uma cruzada contra a propriedade, sublevou os moradores dos engenhos contra os seus proprietários, fez renascer os ódios entre os brasileiros e portugueses, e suscitou enfim a rivalidade de cores”⁽¹⁰¹⁾.

No bojo dessa tempestade é que devia navegar o *Diário Novo*. Era o órgão do partido liberal, com oficinas à rua da Praia 55, de que derivou o nome de *praieiros*, dados aos seguidores desse partido em Pernambuco naquela época. Durou cinco anos, de 1842 a 1848, dirigido por Luís Iná-

(100) Alfredo de Carvalho: *Anais da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821 a 1908*, Recife, 1908, pág. 109. Todas as simpatias do autor, como da maioria dos que estudaram a imprensa, vai para as folhas conservadoras, com desprezo total pelas folhas populares.

(101) J. T. Nabuco de Araújo: *Justa Apreciação do Predomínio do Partido Praieiro*, Recife, 1847.